

SESSÕES DO PLENÁRIO

43ª Sessão Especial da Assembleia Legislativa do Estado da Bahia, 15 de agosto de 2019.

PRESIDENTE: DEPUTADO JURAILTON SANTOS (AD HOC)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Invocando a proteção de Deus, declaro aberta a presente sessão especial em homenagem ao Dia da Juventude, proposta pelo meu amigo José de Arimateia comigo, deputado Jurailton Santos.

Convido para compor a Mesa o Sr. Deputado, meu amigo e meu colega, Capitão Alden; a Sr.^a Coordenadora de Juventude da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, Fernanda Sampaio, que neste ato representa o governo do estado; o Sr. Vereador da cidade de Salvador, meu amigo e colega, Isnard Araújo; o Sr. Coordenador de Juventude da Secretaria de Políticas Para as Mulheres, Infância e Juventude, Bruno Moreno, representando a secretária Rogéria Santos; o Sr. Diretor do Bem-Estar Estudantil da Faculdade Adventista da Bahia, Herbert Cleber Cordeiro, que neste ato representa o reitor Éber; o Sr. Secretário dos Jovens Republicanos, Gilberto, meu colega e meu amigo; a Sr.^a Mestre em Saúde Pública pelo MBA Executivo em Saúde com Gestão Hospitalar, a doutora Marinês Marques; o Sr. Professor da rede municipal de ensino, o pedagogo e advogado, Jackson Alves Lessa; o Sr. Coordenador da Força Jovem Universal - FJU, pastor Caio Luís Dantas; o Sr. Especialista em Direito da Criança e do Adolescente, Marcus Magalhães; o Sr. Pastor Walterley Macedo, representando o deputado federal Márcio Marinho.

Convido a todos para ouvirmos o Hino Nacional.

(Procede-se à execução do Hino Nacional.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Convido a Sr.^a Dinalva Cardoso, psicóloga, para compor a Mesa. (Palmas)

Convido a todos, agora, para assistir a um vídeo da Campanha do Basta.

(Procede-se à apresentação de vídeo.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Passo a presidência, agora, ao meu amigo, meu colega Capitão Alden.

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Passo a presidência agora ao meu amigo, meu colega, Capitão Alden.

(O deputado Capitão Alden assume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Capitão Alden): Concedo a palavra ao proponente da sessão especial, deputado Jurailton Santos.

O Sr. JURAILTON SANTOS: Boa tarde, pessoal, boa tarde, gente. Agora ficou bom. Vocês estão bem? O nosso amigo e colega deputado José de Arimateia não pode estar aqui presente, está em Brasília em uma audiência, um trabalho, mas me mandou aqui a fala dele, os pensamentos dele e vou ler, aqui agora, para vocês. Nós estamos promovendo essa tão importante sessão, que para mim é muito importante, como acabei de falar ali agora com a nossa repórter, sobre a juventude. A juventude que é o futuro do nosso Brasil:

(Lê) “Boa tarde, ilustríssimas autoridades, componentes da mesa, espectadores que nos assistem ao vivo pela *TV ALBA* e imprensa presente!

Para marcar o dia da juventude, exaltado na última segunda-feira, dia 12 de agosto, eu e o meu amigo e deputado estadual Jurailton Santos realizamos hoje esta sessão especial conjunta. Obrigado, deputado por essa parceria valorosa!

Não esqueceu de mim, está vendo?

Durante esta cerimônia estaremos debatendo a automutilação, depressão e suicídio entre jovens, assuntos classificados na atualidade como problemas de saúde pública em âmbito mundial. Trata-se de um tema que urge por um debate mais detalhado, pois um em cada cinco jovens até 2020 terá depressão, segundo dados da organização mundial de saúde.

Vale ressaltar que, em alguns casos, antes de chegar à depressão, cerca de 20% dos jovens no país se automutilam, podendo ser levados até a morte.

De acordo com informações da secretaria estadual de saúde, o ano de 2016 foi considerado como o maior em incidências de internações por autolesões. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) também alerta que a Bahia é um dos estados brasileiros onde a depressão mais incapacita com um número de 24,2% de homens e 19% de mulheres.

Nós parlamentares, somos sujeitos ativos, e cabe a nós provocarmos o assunto em favor dos nossos jovens. Essa é a nona cerimônia que promovo nesta casa como forma de debater minuciosamente questões que afetam diariamente a vida dos jovens baianos.

No período em que fui presidente da Frente Parlamentar de Apoio ao Protagonismo Infantojuvenil, dei entrada no projeto de lei 20.852/2014, que visa instituir o Programa Jovem Aprendiz no estado da Bahia, no âmbito da administração direta, autarquias e fundações estaduais.

Gostaria de deixar uma reflexão para o poder público e sociedade em geral. O que está sendo feito para tirar esses jovens do ócio? Eles precisam ser vistos com mais atenção e sensibilidade.

Nesta oportunidade peço ao governo do estado que aprove esse projeto de lei de minha autoria, tão importante para toda essa geração.

Outro assunto que julgo merecedor de destaque é que quando fui presidente da Frente Parlamentar de Defesa da Saúde e Institutos de Pesquisas e Afins na Bahia, debati amplamente o assunto através da audiência pública intitulada: Depressão Sob a Ótica Científica e Religiosa.

Hoje fazemos do plenário palco dessa discussão valorosa como forma de orientar a população baiana de que não se trata apenas de uma questão psíquica, mas também espiritual. Quero dizer que o caminho para curar o problema é também buscar em deus uma proteção, pois ele é o mesmo do passado e está esperando que o busquem em espírito e em verdades.

Era só o que eu tinha para dizer. Obrigado.” (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Capitão Alden): Devolvo o comando da sessão ao meu amigo Jurailton.

(O deputado Jurailton Santos assume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Neste momento, iremos assistir ao Grupo de Cultura do FJU Universal.

(Procede-se à apresentação artística.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Passo a presidência agora, mais uma vez, ao meu colega e amigo, deputado Capitão Alden.

(O deputado Capitão Alden assume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Capitão Alden): Concedo a palavra ao proponente da sessão especial, deputado Jurailton Santos.

O Sr. JURAILTON SANTOS: Boa tarde mais uma vez. Boa tarde, gente! Cadê os jovens? Boa tarde, jovens!

Participantes da sessão: Boa tarde!

O Sr. JURAILTON SANTOS: Aliás, somos todos jovens, não é?

(Lê) “Boa tarde, senhoras e senhores!

Meus sinceros cumprimentos a todos os membros deste plenário, e meus agradecimentos a todos os jovens e representantes de movimentos juvenis que se fazem presentes nesta Casa, que é a Casa do Povo.”

Primeiramente, eu gostaria de agradecer a Deus por este momento tão importante, agradecer a Deus por vocês estarem aqui fazendo parte desta homenagem tão importante. Se não fosse Deus nós não estaríamos aqui presentes neste momento.

(Lê) “Por que celebrar o Dia Internacional da Juventude?

Independentemente das variações regionais e culturais pelo mundo, a juventude é a primavera da humanidade.

É o tempo de descobertas e revelações. É a fase de crescimento físico e intelectual, quando as mais diversas aptidões se afloram.

Entre talentos que surgem e paixões intensas que chegam, é na juventude que o ser humano fica face a face com a imensidão de possibilidades que a vida guarda.

No entanto, ao invés das flores da primavera, a nossa juventude tem sido marcada por espinhos.

A automutilação, a depressão e o suicídio são mazelas que têm cada vez mais acometidos os jovens do nosso Nordeste.

Segundo dados do ministério da Saúde, o Nordeste é a terceira maior região do Brasil com casos notificados de automutilação. De acordo com a Sesab, nos últimos dez anos, mais de 550 adolescentes foram atendidos na rede pública baiana após cometerem autolesão. Contudo, é um consenso entre os especialistas que se trata de um número subnotificado se comparado à realidade nas escolas.

Nós temos aqui professores que, daqui a pouco, vão até poder falar mais do que vem acontecendo nas escolas.

Muitos dos nossos jovens têm recorrido à automutilação, quando não ao próprio suicídio, numa ânsia interminável de aliviar a depressão e a angústia da alma.

Precisamos resgatar o sorriso iluminado e o olhar esperançoso da nossa juventude.

E para isso, necessitamos confrontar a ignorância e a invisibilidade que ainda cercam esses temas. A automutilação, a depressão e o suicídio não podem mais ser vistos como tabus pela opinião pública.

É imprescindível que a família, a escola e a mídia, assim como toda a sociedade, sejam inseridas neste debate.

E é com o objetivo de promover maior conscientização e visibilidade, que em nosso mandato iniciamos a campanha ‘Basta!’. Campanha contra a automutilação, a depressão e o suicídio, lançada no dia 30 de junho. Por meio de mobilizações tanto nas redes digitais quanto nas zonas periféricas do nosso estado, temos obtido sucesso em promover a participação das famílias nessa luta.

A Campanha ‘Basta!’ está alcançando outros estados, e no próximo dia 30, estarei em Manaus a pedido do deputado estadual João Luiz para iniciarmos essa campanha lá.

Que venhamos todos juntos para dar um basta à automutilação, à depressão e ao suicídio!” (Palmas)

Quero mais uma vez saudar o Sr. Deputado, meu colega e amigo Capitão Alden, que está aqui presente; saudar mais uma vez a Sr.^a Coordenadora de Políticas para a Juventude da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, Fernanda Sampaio. Muito obrigado pela sua presença, representando aí o governo do estado; saudar também o meu amigo, meu colega, vereador Isnard Araújo, que tinha um compromisso, mas abriu mão desse compromisso para participar de um tema tão importante e pertinente, que é a homenagem à juventude, que, como aqui eu bem falei, representa o futuro do nosso Brasil.

Vereador Isnard, me perguntaram por que eu iniciei a campanha do Basta. Por que falar de suicídio? Por que falar de depressão? Dentro da minha casa eu vivi isso. E hoje, como deputado, eu posso mobilizar opiniões, ir às ruas, justamente para debater e tentar amenizar e resolver a depressão, o suicídio e a automutilação.

Quero também saudar o Sr. Coordenador de Juventude da Secretaria de Políticas para as Mulheres, Infância e Juventude, Bruno Moreno, representando a secretária e vereadora desta cidade, Rogéria Santos. Bruno, muito obrigado, leve o meu abraço, o meu carinho à vereadora Rogéria.

Quero saudar também o Sr. Diretor de Bem-estar Estudantil da Faculdade Adventista da Bahia, Herbert Cleber Cadeira, muito obrigado pela sua presença, por ter vindo aqui prestigiar esta homenagem tão importante para a juventude.

Quero também saudar o Sr. Secretário dos jovens republicanos, Gilberto Barreto Jr. Gilberto, muito obrigado por estar aqui presente; saudar também a Sr.^a Mestre em Saúde Pública, pela MBA Executiva, e em Saúde com Gestão Hospitalar, Marinês Marques. Dr.^a Marinês, obrigado pela sua presença aqui, representando também o nosso colega, deputado José de Arimateia.

Quero agradecer também toda a minha equipe que está aqui presente, os assessores, a minha esposa que está ali também presente, a esposa do Pastor Walterley que está ali, toda a equipe aqui do deputado José de Arimateia.

Saudar também a Sr.^a Psicóloga Dinalva Cardoso, muito obrigado por estar aqui presente, mãe do nosso amigo, Dr. Antonio Segundo, que está aqui presente.

Saudar também o Sr. Professor da rede municipal de ensino, pedagogo e advogado Jackson Alves Lessa; saudar também o Sr. Coordenador da Força Jovem, meu colega, meu amigo, Pastor Caio, obrigado pela sua presença.

A FJU está presente?

Participantes da sessão: Sim.

Saudar também o Sr. Especialista em Direitos da Criança e do Adolescente, Marcos Magalhães. Obrigado, Marquinhos, pela sua presença; saudar também o Sr. Pastor Walterley Macedo, representando aqui o deputado federal Márcio Marinho e o vereador Luiz Carlos, da cidade do Salvador. Muito obrigado pela sua presença.

(Não foi revisto pelo orador.)

(O Sr. Deputado Jurailton Santos assume a presidência da Mesa.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Pronto, reassumo o meu papel. Concedo a palavra agora ao meu amigo colega deputado Capitão Alden.

O Sr. CAPITÃO ALDEN: Bom meus amigos, minhas amigas, sejam muito bem-vindos. Em nome do proponente da sessão, deputado Jurailton Santos, saúdo os demais membros da Mesa.

Meus amigos, realmente é de grande relevância, de grande importância essa temática de hoje. Inclusive parabeno o presidente proponente desta sessão pela iniciativa. Eu acho que essa é uma temática que infelizmente pouco na mídia se fala, pouco se comenta de maneira séria, de maneira objetiva a respeito dessa temática. Mas, a cada dia, a cada momento que se passa, nós temos visto nas nossas casas, nos nossos amigos, nos nossos vizinhos, as consequências e os efeitos danosos e maléficos da depressão, da automutilação e até mesmo do suicídio.

Não é à toa que Salvador, Bahia, Brasil hoje se encontra entre as três capitais de maior número de casos de suicídios. E quem diria? A capital, dizem aí, a capital do axé, a capital da música, a capital da cultura, um povo onde as pessoas tem a tendência a dizer que é um povo alegre, é um povo festivo, é um povo que tem realmente uma

cultura extremamente enraizada, também é um dos povos que mais se tem notícias da prática da automutilação.

Então chega a ser um paradoxo, chega a ser algo extremamente estranho: como Salvador, a capital do Carnaval, a capital das festas – todo dia tem um ensaio aqui, um ensaio ali –, é a capital que realmente as pessoas tem mais ouvido falar em suicídio? Inclusive, recentemente, foi publicado um estudo apontando a Bahia como um dos estados, dentro dos estados brasileiros, que mais apresentaram índices de automutilação e suicídio consumado na faixa etária de 15 a 29 anos; especialmente na faixa etária de jovens de 12, 13, 14 anos, onde não se ouvia falar isso com tanta frequência no passado. E hoje pessoas cada vez mais jovens tem entrado na estatística.

Se nós formos falar, fazer uma comparação rápida, o que tem levado cada vez mais jovens a cometer esse ato tão desumano? Porque não é natural. O normal é você defender a vida, é você lutar pela vida. Mas o que leva as pessoas, cada vez mais, a chegarem a esse ato tão difícil?

São muitas causas. Se a gente for analisar aqui, o que leva um indivíduo a cometer esse ato? Não há como expressar, não há como justificar. Não é algo que se decide de um dia para o outro, não é algo que se decide de uma hora para outra, é um somatório de fatores.

Dentro da minha área de segurança pública, dos meus 17 anos servindo como policial militar, eu vi muitos casos. Não foram poucos, mas muitos casos. Não somente de suicídio, mas também e principalmente da violência.

Eu vou trazer aqui alguns números, isso nos fará refletir um pouco de quais estratégias, de quais caminhos nós poderemos adotar para enfrentar a violência de uma forma geral.

Hoje nós temos um país como o nosso que tem mais de 60 mil homicídios por ano. Se você parar para analisar 60 mil homicídios por ano – somente no Brasil, em um ano –, você soma todas as mortes de quase 80% dos países do mundo e não chegamos ao número de assassinatos que nós temos no Brasil. Imagine você pegar o mapa-múndi e pegar quase 80% dos países, somando todas as mortes, todas as mortes violentas: não chega nem próximo do que acontece anualmente aqui no Brasil. É muita gente.

Nós não temos tragédias, não temos furacões, não temos terremotos, não temos vulcões, mas temos a tragédia da violência, simbolizada nos seus mais diversos aspectos. Desde a violência praticada por arma de fogo às violências praticadas contra as mulheres e os vários grupos representados na sociedade. Na Bahia, só para se ter uma ideia, nos últimos 12 anos, nós tivemos 69 mil assassinatos. Somente aqui na Bahia.

Somente no ano passado, nós tivemos mais de 60 mil roubos, assaltos à mão armada. Somente no ano passado foram mais de 40 mil furtos praticados contra transeuntes em toda Bahia. Somente no ano passado. A Bahia hoje, entre todos os estados, é o número um em assassinatos contra mulheres. A Bahia é o número um. Em 12 anos, ela conseguiu atingir essa marca, é o número um em assassinatos de jovens de 15 a 29 anos.

Estou trazendo todos esses dados porque a violência é algo que está presente na vida da maioria da população baiana, ainda que você não queira ver, ainda que você não queira assistir à televisão, ainda que você não queira ler os jornais, mas ela é algo que você sente. Ninguém hoje aqui sai de sua casa sem antes parar para pensar: para onde eu vou? Como eu vou? É seguro o local que eu vou? As pessoas que vão me acompanhar são pessoas que eu posso realmente andar junto? E tudo isso pode gerar traumas.

O fato de você ter um parque, de você ter um ambiente que você possa frequentar, a casa de um amigo, de um parente, do irmão, do tio é algo que acolhe, é algo que conforta, é algo que você deseja no final de semana ou durante a semana. Mas só em parar para pensar no estresse que vai ser sair de casa, sair em um local escuro, frequentar determinado ambiente, tudo isso gera expectativa, gera frustração, gera estresse. Então a problemática da violência ela pode ter repercussão extremamente negativa na vida das pessoas.

Só para se ter uma ideia, hoje grande parte das escolas estaduais – e o que eu vou falar aqui não é novidade –, muitas delas estão hoje repletas de grupos criminosos que se intitulam facções: BDM, CP, Caveira, Katiara. Tem diretores e professores de escolas que me dizem: “Capitão, eu preciso conceder horários diferenciados de intervalos, porque se eu soltar os alunos no mesmo horário... a turma A tem gente da facção ‘a’, a turma B tem gente da facção ‘c’”. Se eu soltar todo mundo junto no corredor, as pessoas se matam”. Olha o nível de estresse que o jovem hoje que você entrega para uma escola, seja ela pública ou privada, está sujeito.

Então, quando você se depara com violências, você se depara com realidades sociais diferentes. Se eu não tiver estrutura emocional, se eu não tiver o apoio familiar, se eu não tiver uma escola que tenha uma estrutura que me permita entender e analisar e lidar com essas problemáticas de violência – seja na escola, seja em casa –, elas podem gerar reflexos na mente humana. Se é difícil para a gente lidar com violência, com morte, com tristeza, imagine para um jovem de 12, 13, 14 anos.

Então, tratar da violência é algo realmente necessário. Se nós não cuidarmos da mente e da higidez mental das pessoas, a gente, realmente, vai trabalhar para ter cada vez mais pessoas envolvidas em ciclos de violência que não vão parar mais. Em determinados bairros, você, quando vê um corpo no chão, coisa que há 20, 30 anos era algo absurdo – “Meu Deus, o que é isso? Um corpo, uma vítima estirada no chão.” –, hoje, não. As pessoas, simplesmente, como que se perdessem a humanidade, perdessem a sensibilidade, tiram foto, filmam, expõem nas redes sociais. Tem gente que passa por cima. As pessoas não se incomodam mais com a morte, as pessoas não se incomodam mais com a violência. Em que momento a humanidade perdeu a sua essência? Em que momento a humanidade perdeu aquele olhar de olhar para o outro como irmão, como um semelhante?

Então, são essas questões, da violência, da perda da sensibilidade, que têm que ser refletidas. Hoje, cada vez mais... Surgiu uma matéria, recentemente, dizendo que o Brasil tem travado uma verdadeira luta espiritual, e eu não duvido. Tudo isso que nós estamos vivenciando hoje são momentos difíceis, são batalhas difíceis. E requer, cada vez mais, um componente que muita gente não tem dado a devida atenção: o

componente familiar. Nós precisamos, de forma urgente, recuperar a família, resgatar a família. Cada vez mais você tem notícias de pais e mães separados, cada vez mais você tem notícias, dentro da sua própria casa... Pense, reflita! Em minha casa eu vivi uma experiência semelhante: eu vivia numa casa de dois andares, mãe, pai, irmãos, sobrinhos, e pouco a gente conversava. Era mais fácil dar um bom dia, boa tarde, boa noite pelo *WhatsApp*. E todo mundo morava no mesmo prédio, no mesmo empreendimento. Então, em que momento nós deixamos, permitimos que isso acontecesse? Nós precisamos refletir essa prática da modernidade. Minha irmã, hoje, ela define horários em casa, chegou em casa... Como a gente fazia no passado, não é? Dava 18h, sentávamos à mesa para poder jantar, conversar sobre os problemas, falar um pouco do seu dia. Quando nós saíamos: “Benção, painho. Benção, mainha”. Todos esses valores, essas coisas tão simples, foram se perdendo com o tempo. É claro que os mestres, os especialistas, vão tecer, aqui, comentários diversos, mostrar dados, mostrar números, mas a grande verdade é que a gente precisa, realmente, se encontrar como ser humano, se encontrar como amigos, como pessoas que olham no olho, que na hora de cumprimentar, realmente, cumprimenta com energia, com aquele compromisso de, realmente, acreditar que estamos ali para ajudar a servir. Não há bem maior do que, realmente, servir ao próximo. Quando a gente começar a pensar em olhar o outro como o próximo, como alguém que, realmente, vale a pena olhar, vale a pena participar, vale a pena conversar, a gente vai ter, possivelmente, uma redução desses índices de violência, seja ela na família, no trabalho, em qualquer ambiente que a gente conviva.

Então, mais uma vez, eu agradeço a participação, a oportunidade de poder participar desse processo de construção e de luta. Não pensem que vai ser fácil: nós temos aí o desemprego, nós temos aí uma série de violências que, a todo momento, explodem em nossos olhos. E ter a capacidade de lidar com isso é algo que realmente a gente precisa pensar.

Só para se ter uma ideia, existem algumas estratégias, e eu tenho defendido muito isso. Por exemplo: educação financeira, educação emocional. Nós acabamos de assistir aqui mais cedo a uma expressão da arte. Pena que poucos locais hoje, poucas escolas tenham a possibilidade de permitir aos jovens que eles se expressem em qualquer tipo de arte, através da música, através da escrita.

Em quantas escolas públicas hoje tem um espaço lá, onde se tem o teatro, para que os alunos possam, através das artes, da música, da encenação, desenvolver habilidades e competências, dialogar com outro ser humano, conhecer o colega? Porque através dessas expressões da arte você passa a se conhecer, passa a conhecer melhor o outro, interagir melhor com o outro.

Quantos pais hoje vão à escola interagir com seus filhos, acompanhar a rotina dos seus filhos, se vão bem ou se vão mal na escola, acompanhar de fato as problemáticas que envolvem aquele aluno?

Quantos pais têm realmente se envolvido e se empenhado em acompanhar o seu filho? Quantos filhos hoje vão para as redes sociais e fazem *live* – seja no *Instagram*, *Facebook* ou qualquer outra mídia social –, expõem pensamentos, expõem ideias,

expõem vídeos que eles curtem e gostam? E o pai, muitas vezes não sabe, não acompanha o que o filho está falando, o que o filho está fazendo.

Pior: eu vejo, muitas vezes, pais e mães de jovens de 9, 10, 8, e 12 anos que já estão no *Facebook*. A primeira regra de uso do *Facebook* diz a idade que você deve ter para acessar aquele conteúdo. Aí, o que é que os pais fazem? Simplesmente, fazem de conta que não leram aquelas orientações, criam uma conta para seu filho, não advertem sobre aquele mundo, não acompanham o que seu filho faz, permitem que o filho interaja com outros indivíduos, de outras tantas realidades. E isso tudo abre uma porta, abre um canal. E se ele não tem o entendimento devido para compreender, faz com que ele se coloque em risco, porque ele não vai saber analisar as informações que ali são passadas. Então, a gente tem que ter realmente muito cuidado. Ter um filho hoje não é simplesmente jogar no mundo. É preciso acompanhar, é preciso orientar, é preciso educar.

Então, mais uma vez, agradeço ao presidente, agradeço a todos por esse esforço da gente tentar minimizar esses problemas.

Recentemente, apresentei um projeto aqui na Casa que muita gente não compreendeu, porque foi um projeto que versa sobre a instalação de telas de proteção em viadutos e passarelas. Grande parte dessas práticas de suicídio têm sido hoje realizadas principalmente em passarelas e viadutos.

As pessoas me perguntaram: “Poxa, capitão, ao instalar essas telas, elas, por si só, irão evitar a prática do suicídio?” Claro que não. Mas a gente está atendendo à recomendação da Organização Mundial de Saúde e outros tantos órgãos especializados que dizem que é de responsabilidade do Estado minimizar os acessos a determinados locais para que a pessoa não se utilize daquele espaço para praticar o ato.

Mas não é só isso, eu vou deixar aqui, inclusive, para todos os senhores, reforçando aqui ao presidente, proponente desta sessão... da gente se mobilizar, inclusive, para... Existe o Neps, que é o núcleo especializado em prevenção do suicídio, que hoje atua somente em Salvador, mas ele atende a toda Bahia. São 417 municípios que hoje têm jovens e adultos que estão passando por esse problema, e hoje eu tenho apenas um núcleo com três psicólogos para atender toda essa demanda. Hoje eu tenho o CVV, que é uma instituição não governamental, sem fins lucrativos, que também atua, ajuda, através das ligações telefônicas para o número 188, nesse suporte de ouvir as pessoas que queiram e precisam. Claro que são medidas que não vão minimizar, que não vão evitar a prática do suicídio, mas é importante a gente ampliar a rede, a cobertura de assistência a esse jovem e às pessoas que queiram.

Então se juntem a essa nossa força para desenvolvermos o Neps e outras estruturas e termos maior sucesso. Está bom?

Obrigado a todos. (Palmas)

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Obrigado, Capitão Alden.

Essas telas que vocês veem na passarela são justamente de um projeto de lei do nosso amigo Capitão Alden. Muito obrigado pela sua fala, capitão.

Convido para compor a Mesa o meu colega e meu amigo, o Sr. Vereador da cidade de Simões Filho José Arnaldo dos Santos Simões. (Palmas) Quero registrar a presença da Sr.^a Bárbara, que é do Corrente Geral e conselheira do cemitério Parque Jardim da Saudade, aqui presente; registrar também a presença dos alunos do Colégio Estadual Odorico Tavares, obrigado pela presença de vocês; Juliana Brito, professora do Odorico Tavares também, registrar a presença dela; a Eliana Bastos, professora do Odorico Tavares, muito obrigado pela presença; Também a Srta. Madalena dos Santos, professora do Odorico Tavares. (Palmas)

Concedo a palavra, pelo tempo de 15 minutos, para a Dr.^a Marinês Marques. (Palmas)

A Sr.^a MARINÊS MARQUES: Boa tarde a todos, cumprimento a Mesa em nome do presidente da sessão, deputado Jurailton Santos, agradeço o convite e estou aqui... Assim, dizem que assessor não pode representar deputado, mas eu represento, sim, Arimateia onde eu vou. Eu estou representando o deputado Arimateia porque ele não pôde estar, viu, deputado?

Bom, eu fiquei com a parte mais chata, que é trazer algumas estatísticas. Eu não posso falar de saúde pública, se eu não falar de estatística, se eu não falar de dados que acabam repercutindo na saúde geral da população. Posso assegurá-los de que são dados alarmantes. E aí a gente começa a se questionar. Inclusive, é um dos *slides* que eu deixei no final. O que é que a gente está fazendo para mudar este panorama que a gente encontra hoje? São alguns questionamentos.

O tema da nossa sessão é *Automutilação, depressão e suicídio entre os jovens*, e o meu tema é: *Um problema de saúde pública*. Eu vou colocar isso como um problema de saúde pública, de fato. A gente tem uma epidemia silenciosa. Quando são doenças infectocontagiosas como sarampo e dengue, a gente vê uma estatística porque a notificação é compulsória, é obrigação notificar ao Ministério da Saúde a existência dessas doenças. Então a gente tem dados mais fidedignos porque é obrigação fazer a notificação ao Ministério da Saúde. Mas neste caso só veio a ser obrigatório em abril deste ano, por isso a gente tem uma subnotificação, os dados que a gente tem não correspondem à realidade, infelizmente.

(Procede-se à apresentação de slide.)

Aqui, é só um dos exemplos de automutilação. Infelizmente, ou felizmente, quando a mutilação é exposta, como no caso do antebraço, fica fácil de você perceber, a mãe e o pai vão perceber. Normalmente essa pessoa muda de conduta rapidamente. Em pleno calor, ela começa a colocar capotes, ela começa a fazer parte de um grupo, porque é uma necessidade do jovem pertencer a uma tribo, ele precisa de aprovação. Eu não vou nem me aprofundar muito nesse fato porque temos uma psicóloga que vai falar do assunto e também da parte digital, que é uma das coisas... Vou aproveitando o que o deputado Alden falou: existe uma falta de amor, uma falta de percepção do outro muito grande.

Eu não conheço muito a Bíblia, mas eu vou ter a ousadia de citar que no final dos tempos o amor esfriaria. Estou errada? Então, assim, realmente, o amor esfriou,

não é verdade? O amor esfriou, de fato. O amor esfriou com o pai, com a mãe, com o irmão, do pai com o filho. Hoje eu recebi um vídeo interessante e eu estava comentando ali: o bebê estava junto da mãe, a mãe no WhatsApp, o bebê fez cocô no chão, começou a comer o cocô. E a mãe: “Pode comer, pode comer”, achando que ele estava comendo alguma outra coisa que não era o devido cocô. E ela no celular. Eu recebi o vídeo esta semana, achei o cúmulo do absurdo. A gente não percebe mais. Até no caso de uma febre, a gente já leva a criança em convulsão para os postos de saúde.

Eu sou intensivista e também emergencista, e a gente sabe: quando pega uma criança, já pega em convulsão. Será que essa mãe e esse pai não perceberam que essa criança estava com febre mais cedo, com a temperatura mais baixa? Não. Ela só vai quando convulsiona porque ela não percebeu. A gente... graças... a gente tem a tecnologia, não estou dizendo aqui que eu não sou a favor da tecnologia, sou totalmente a favor, mas minha mãe tem um dito: “Tudo o que é demais sobra”. Então tudo tem que ter um limite na vida. Certo?

(Procede-se à apresentação de slide.)

Ali eu coloquei algo bem característico, o rosto de um palhaço, porque nem sempre quem está sorrindo por todo o tempo não é depressivo. Não se engane. A gente não tem mais aquele estereótipo da depressão em que a pessoa fica dentro do quarto. Nesse caso, o paciente já está numa fase de catatonia, que é uma fase bastante grave da depressão. Ele não come, não toma banho, não troca de roupa, não quer ver ninguém. Essa fase da depressão é considerada catatonia, ele não quer nada, ele já se isolou, mas, até chegar nessa fase, ele vai tentar inúmeras coisas, inclusive contra a própria vida.

A depressão atinge 300 milhões de pessoas no mundo. Até 2020, será a doença mais incapacitante do planeta. Vamos só lembrar um pouquinho que a Previdência não vai conseguir aportar e suportar o número de pessoas afastadas com benefício continuado, e a depressão é um dos motivos desse afastamento. Um em cada cinco jovens terão depressão em 2020; quadros depressivos e mutilação são as principais causas do suicídio; Brasil é o campeão de casos na América Latina. São dados pelos quais a gente passa despercebido. Quem é que sabia desses dados aqui? Poucas pessoas porque não é muito divulgado. Não é verdade? Então vamos sair daqui, hoje, com a sensação de que falar com alguém... você vai se comprometer a falar com um jovem, com dois jovens, com três jovens a respeito desse assunto. Vocês serão, aqui, hoje, multiplicadores, porque não adianta nada a gente reunir tantos representantes, e isso não fazer efeito algum lá fora. Tudo o que a gente faz aqui tem que ter uma repercussão lá fora. Comprometido assim? Sim? Pronto, já gostei de ver.

(Procede-se à apresentação de slide.)

No Brasil, quase 6% da população, um total de 11 milhões de pessoas, sofrem com a doença, segundo dados da OMS, que é a Organização Mundial de Saúde. A Bahia, o IBGE mostra, é um dos estados brasileiros onde a depressão mais incapacita. A gente tem mais pessoas “encostadas”, as pessoas falam: “Eu vou me encostar pelo INSS”. Depressão. Em Salvador, de 2010 a 2019, foram atendidos 556 adolescentes com automutilação no serviço público. Volto a falar que esses dados são subnotificados. Isso aqui é o que chega no serviço público através do Sinan, o sistema

de agravos. Outro dado: 19,7% dos baianos têm algum transtorno mental, o índice é um dos maiores do país. Se a gente for posicionar, a Bahia está no segundo lugar, e não no terceiro, porque empata com Alagoas. No primeiro lugar, está a Paraíba. Então nós estamos no segundo lugar do ranking de pessoas com depressão ou com algum transtorno mental. Se a esquizofrenia for tratada, você viverá perfeitamente; se for a bipolaridade, você viverá perfeitamente. Basta que seja acompanhado e tratado.

(Procede-se à apresentação de slide.)

Aqui a gente tem um quadro nada animador, e dessa vez os homens são os mais atendidos. Eu não sei porque... a própria criação da mulher... ela já é uma administradora nata, porque ela nasce administrando, ela é mãe, ela é esposa, ela é dona de casa e trabalha fora. Então a mulher tem mais versatilidade para conseguir percorrer por esse problema, por essa dificuldade, e sair, não vou dizer, ilesa, ela pode sair com uma série de sequelas, mas ela consegue ultrapassar. O homem é diferente, se a gente considerar que 24,2% deles têm depressão. Jovens homens, adultos. E 19% são mulheres. Na Bahia, são 19,7%; no Nordeste, 15%. O Nordeste consegue ter um índice maior do que o nacional, que é de 11,8%.

Quando a gente chega no diagnóstico, ou a gente já está na mutilação, ou está na tentativa de suicídio, ou está naquele estado de catatonia, em que ele não quer ver nada nem ninguém, fica trancado no quarto, isolado do mundo.

(Procede-se à apresentação de slide.)

Aí nos vem um alento: quando eu digo que é um problema de saúde pública, e hoje eu posso afirmar que é um problema de saúde pública, porque isso gerou uma política nacional... Como é que essas políticas públicas de saúde nascem? A partir da demanda, da necessidade da sociedade, do fato da sociedade civil organizada conseguir mobilizar para que se faça uma política em relação a isso.

A PNPAS, através da Lei 13.819, de 26 de abril de 2019, é uma criança ainda, ainda é uma criança essa lei. Não vou dizer RN, recém-nascida, porque são até 28 dias, mas é uma criança, está na pediatria ainda. É a Política Nacional de Prevenção da Automutilação e do Suicídio. Hoje, através dessa política, esse agravo de automutilação é de notificação compulsória, como são as doenças infectocontagiosas. Como é a sífilis, como é o HIV, como é a dengue, como são todas as outras de agravo compulsório.

Agora, sim, a gente vai ter dados mais expressivos e fidedignos, a gente vai se alarmar ainda mais, porque, a partir de agora, diante de qualquer traço na pele que chegue ao Caps, vai ter que se notificar ao Ministério da Saúde que o paciente sofreu automutilação ou autolesão, como a gente costuma dizer.

(Procede-se à apresentação de slide.)

Eu não vou me demandar muito, não, porque dados são realmente chatos, não é? Mas acho interessante a gente tomar como realidade o que a gente tem hoje debaixo do tapete, porque não é muito visto.

Onde procurar ajuda hoje em Salvador? No Caps IA, no bairro do IAPI, está aí o número do telefone; no Caps Luiz Meira Lessa, bairro Jaguaribe; e no Centro de

Saúde Mental Rubin de Pinho, no bairro de Dendezeiros. Por que eu digo só nesses bairros especificamente? Porque esse tipo de atenção é considerado atenção básica.

Eu estava falando há pouco com a psicóloga Dinalva que a psicologia deveria fazer parte da atenção básica. A atenção básica só tem o psicólogo nos Nasfs ou nos Caps. Em qualquer posto de atenção básica, o psicólogo tem a capacidade de perceber que algo não vai bem com aquele jovem. Cada macaco no seu galho. Se alguém chegar na UTI, eu vou saber tratar, mas, se chegar no Caps, eu não vou saber observar, eu não sou psiquiatra, eu não sou psicóloga. Então você tem que especificar quais profissionais têm que estar na linha de frente, e o psicólogo é um deles.

Neste momento aí, tem psicólogo, tem assistente social, tem enfermeiro, tem técnico, tem médico psiquiatra, tem tudo. Porque não adianta também a gente discutir, e eu não dar a fonte onde você pode buscar ajuda. Agora, onde é que a gente vai mesmo buscar ajuda? Nas políticas públicas.

Tenho certeza que o estado está fazendo o seu papel, tenho certeza que o município está fazendo o seu papel. Eu já vi dois exemplos, o vereador Luiz Carlos tem um projeto de lei para fazer essas palestras em todas as escolas da atenção básica. É na escola que se formam essas percepções, é na escola, quando você sai do seio familiar... Hoje já não há mais aquele contexto em que você tem a educação em casa e o conhecimento na escola, a mãe e o pai mandam o filho para a escola para que lhe deem educação doméstica porque eles não têm mais tempo, porque eu vivo num tempo em que o iPhone 5, hoje, já está fora de moda, a gente quer sempre estar na moda. O consumismo, sabe? A gente quer ser igual ao outro, e como capitão Alden falou, a gente parou de perceber o outro. Faz quanto tempo que vocês não se sentam à mesa para almoçar sem celular na mão? Levante a mão quem faz isso. Quem almoça com seus familiares sem o celular à mesa?

(Alguns participantes na plateia levantam a mão.)

Posso dizer que é uma minoria. Porque isso é limite: hora de almoçar é hora de almoçar; hora de conversar, hora de bater papo. Não é?

Quem conhece um colega que se automutila aqui?

(Poucos participantes levantam a mão afirmativamente.)

Estão vendo? Eu consigo, proporcionalmente, dizer que os que se automutilam são menos do que os que não vão para a mesa, com o celular, comer. (Risos)

Então, onde é que nós estamos? Vocês sabiam que um abraço, um toque, correspondem à liberação de endorfina do tamanho de um chocolate deste tamanho? Sabem por que o jovem se automutila? Porque ele tem uma pseudossensação, uma falsa sensação, de transferência de dor. E isso é científico. Vocês já ouviram dizer que o corpo não sente duas dores ao mesmo tempo? Isso é verdade. Quando uma sinapse se liga para transmitir a dor, outra não se liga para passar o mesmo estímulo. Então o que é que o jovem faz? Ele tenta tirar a dor da alma através da dor física, porque o corpo não sente duas dores ao mesmo tempo. Então eu transfiro a minha dor da alma para a dor do corpo. E eu libero qual hormônio? Beta-endorfina, o hormônio do prazer mais forte que a gente tem no corpo. Serotonina, endorfina são hormônios do prazer, hormônios da alegria, que dão a sensação de bem-estar. A ausência da serotonina, da

beta-endorfina, da endorfina me causa tristeza. Da tristeza para a depressão, é uma linha tênue. É óbvio que a gente não vai ficar rindo 24 horas por dia, porque, senão, a pessoa vai dizer assim: “Essa mulher é maluca, é? Só vive rindo”. Tem um ditado aqui na Bahia que diz assim: “Está com o dente no quarador”. Vocês já ouviram esse ditado? “Não tira os dentes do quarador, só vive rindo.”

Felicidade é um estado transitório, não é definitivo. Por que é que a gente corre tanto todos os dias? Buscando a?... a?... felicidade! Felicidade não é um estado estático, durante o dia eu vou ter momentos felizes e momentos tristes. Isso é humano. Estar triste é algo humano. Agora, desistir de viver, chegar a uma tristeza porque eu estou acima do peso, uma calça não dá, eu vou me matar! Pelo amor de Deus! Porque incutiram na nossa cabeça que uma mulher, para ser bonita, tem que ser isso, tem que ser aquilo, de cabelo isso, de cabelo loiro, de olho azul. Tentaram incutir na nossa cabeça que existe algo que é o padrão. Qual é o padrão? Quem foi que deu esse padrão? Está escrito onde esse padrão?

Então, se aceitem mais, se amem mais, abracem mais seus irmãos, seus pais. Aproveitem cada minuto, porque esse minuto é único. O tempo é a coisa mais justa que tem no mundo. Eu estava dizendo... Quem esteve comigo no presídio fazendo uma palestra... eu disse: “Eu fico feliz porque o tempo é o mais democrático que existe”. Todo mundo vai ficar velho. Eu estou velha, por que você não vai ficar? Você também vai ficar. É, velho é o mundo...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) mas eu também estou com as bochechas caídas, e estou velha, não é?

Só faltam dois slides.

Para refletir e agir: o Brasil é um país de idosos, a faixa etária em meia-idade não tem oportunidade de emprego porque com 45, 50 anos se está velho para o mercado de trabalho; e os jovens, com epidemia de doença incapacitante. Quem vai produzir no Brasil para a gente receber aposentadoria?

(Procede-se à apresentação de slide.)

Só quero deixar duas perguntas para vocês levarem para casa: Como será o futuro do nosso país? E o que estamos fazendo para mudar este panorama?

Só quero deixar uma mensagem: Nós só sentimos a felicidade porque ela não é contínua, isto é, ela não é o que acontece o tempo todo. Porque se a gente fosse eternamente feliz, sinceramente, não era um porre? Os altos e baixos fazem parte do amadurecimento, do crescimento do espírito e da maturidade.

Muito obrigada por vocês ouvirem. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Obrigado, Dr.^a Marinês pelas palavras, pela palestra, pelos slides.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Quero registrar a presença de Jaú Paim, do Conselho da Ordem dos Capelães do Brasil, obrigado pela sua presença; o Jadson Paim, diretor estadual da Ordem dos Capelães do Brasil; Antônio Carlos de Santana,

Dr. Antônio, advogado, também está aqui presente. Registrar também a presença de José Roberval Santos Souza, coordenador estadual da Ordem dos Capelães do Brasil.

Concedo a palavra a psicóloga Dinalva Cardoso, pelo tempo de 10 minutos.

A Sr.^a DINALVA CARDOSO: Boa tarde a todos, cumprimento a Mesa na pessoa do deputado Jurailton Santos, muito obrigada pelo convite. É uma honra estar aqui neste dia tão especial, que estamos comemorando o Dia da Juventude, estou correta?

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Correta.

A Sr.^a DINALVA CARDOSO: E eu gostaria de um outro tema que não fosse suicídio, automutilação e depressão. Eu queria falar da força da juventude, mas não vou falar. Fique calmo, não se assuste, eu só gostaria. (Risos) Mas vou ser obediente ao tema que me foi dado. Mas quando eu olho e vejo jovens lindos, maravilhosos, pessoas fortes, me dá vontade de falar da força que vocês têm e onde vocês podem chegar. Quando vejo professoras lindas, que se mobilizam e trabalham pelos seus alunos e trazem seus alunos para participar, eu fico pensando: Ah! Como eu gostaria de falar da força que vocês têm e do que vocês podem fazer para esses meninos e já estão fazendo, certamente. Mas falaremos, e eu vou pescar, ninguém aqui nunca pescou não, heim? Que bom, vocês são melhores do que eu, eu de vez em quando pesco. Mas não na prova, só na fala.

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Eu estou cheio de pesca aqui, pesca é o que não falta aqui. (Risos)

A Sr.^a DINALVA CARDOSO: Também, deputado, graças a Deus que não sou a única desse mundo, não estou sozinha.

Então, queridos, por falar em sozinho vamos falar sobre suicídio, inicialmente. A doutora falou sobre os números, e trouxemos alguns números aqui, mas não vou apresentar esses números, porque eu quero ganhar tempo. Mas nós temos na Bahia, e eu quero falar sobre a Bahia, uma dor que não se escuta, uma dor que não é escutada e que não é falada. Mas essa dor é tão grande, tão grande, tão grande que leva uma pessoa ao suicídio por dia.

Quando uma pessoa chega ao suicídio é porque ela não encontra mais nenhuma razão e nenhuma condição e nenhuma porta e nenhuma motivação para a vida e nenhum motivo para viver. Então ela acha que a única solução é tirar a vida. A dor se torna tão grande, tão grande, tão grande, tão insuportável, que ela entende que a única maneira de diminuir aquela dor ou exterminar aquela dor é tirando a vida, e assim ela faz.

E isso na nossa terra, na nossa Bahia, acontece uma por dia.

Você tem isso aqui? (levanta um prospecto) Se você concordar comigo que a gente tem que dizer basta, levante e diga comigo: Basta!

(Participantes da sessão: Basta!)

Um por dia, gente! Uma pessoa morrendo por dia na nossa Bahia! Basta!

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Eu não levantei o meu, não. Pode falar novamente?

A Sr.^a DINALVA CARDOSO: Se você concorda que uma pessoa por dia se suicidando na nossa Bahia basta, diga: Basta!

Participantes da sessão: Basta!

E essas pessoas, queridos, pasmem, na sua maioria são jovens de 15 a 29 anos. Na sua maioria. Nós temos várias pessoas que chegam no nosso consultório e nós trabalhamos com família, chegam lá no consultório porque estão vivendo um luto muito grande por conta da perda de um ente querido por suicídio. Quando uma pessoa se vai por não suportar essa dor, ela vai, mas ela deixa muita dor e muita culpa em quem fica. E todos os seus familiares ficam culpados, ficam entendendo que deveriam ter feito alguma coisa para evitar isso, de modo que a dor continua nos familiares.

O suicídio ainda é um tabu. Há pessoas que perdem um ente querido por suicídio e não dizem. Eles dizem: Ah, morreu de um acidente... De outras coisas. Têm vergonha de dizer que a pessoa se suicidou. Falar em suicídio é um tabu. Dizer que uma pessoa da família se suicidou é uma vergonha, é como se tivesse um fraco na família, ou como se a família não tivesse percebido o sofrimento do outro.

A dor que fica em silêncio é a dor que mata. Muitas mortes por suicídio poderiam ser evitadas se observássemos os sinais, se observássemos alguns atos que estão associados às pessoas que pretendem cometer o suicídio. E se fosse discutido abundantemente esse tema, se pudéssemos falar em casa sobre isso, se pudéssemos falar nas escolas sobre isso, se pudéssemos falar em ambientes públicos sobre suicídio, é real, ele existe, ele é fato, ele acontece. Se pudéssemos falar abertamente, mas nós escolhemos apenas um mês, o mês de setembro, próximo mês. Setembro amarelo é quando a cidade, a sociedade se desperta e diz: olha, existem pessoas que se suicidam, existem muitas pessoas que se suicidam, uma por dia.

Eu quero falar um pouco para vocês só sobre os primeiros sinais que uma pessoa pode dar de que vai se suicidar ou que pretende se suicidar: ela começa com manifestação de sofrimento psíquico. O que é isso? Tristeza, isolamento, muda de comportamento, às vezes passa a ter um comportamento agressivo, tem uma irritação fora do comum. É importante estar atento para esses comportamentos. É importante perceber esse comportamento.

E existe também algumas falas que vão sinalizar quando alguém pode cometer um suicídio. Ela vai dizer: se eu pudesse eu dormiria e não acordaria mais. Fique alerta, quando alguém lhe disser isso ela já está deprimida, se eu pudesse eu dormia e não acordava mais. Minha vida não tem sentido, fique alerta! Eu sou um fardo! Morrer para mim seria um alívio, entre outras falas. Essas falas devem acender a luzinha vermelha, e você precisa perceber que essa pessoa não está querendo viver, que ela está desejando morrer.

O que você pode falar para uma pessoa que lhe diz isso? Eu sei que você está com uma dor, onde é a sua dor? Mas ela pode não querer falar, e ela pode não falar com você. Você pode tocar na mão ou abraçar, não seja invasivo. Eu posso te ajudar? Como eu posso te ajudar? Você pode ficar mais perto e dizer: conte comigo, eu estou do seu

lado. Mas não pode ficar apenas nessas palavras, você tem que buscar ajuda, você tem que alertar – se você é da família você tem que alertar outros familiares, você tem que buscar ajuda psicológica ou psiquiátrica.

A doutora falou alguns lugares onde você pode encontrar essa ajuda, algumas faculdades que têm um curso de psicologia também fazem esse tipo de atendimento. Eu sei que não é fácil, eu sei que é difícil você encontrar essa ajuda, mas também existem alguns psicólogos que, se você procurar, podem fazer atendimento. Alguns atendem de cortesia, outros pela tarifa social. Existem psicólogos que são muito caros, sei que o acesso é difícil, mas é preciso pedir ajuda. É preciso buscar ajuda. Buscando ajuda você pode salvar uma vida.

Eu sei que o tempo não dá mais e a gente vai falar um pouco sobre automutilação, talvez. Eu vou falar sobre automutilação e depressão. Vocês preferem o quê? Só dá para escolher um.

(Alguém responde no plenário: automutilação)

Automutilação, beleza...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) Acabou.

Falaremos outro dia sobre automutilação. (Palmas)

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Muito obrigado, Dr.^a, pelas palavras.

Quero registrar aqui as presenças também de Wiliane Passos, jornalista da Faculdade Adventista da Bahia; Genivaldo Lopes Nunes, Conselheiro Tutelar; Carlos Souza da Silva, líder da Associação de Bairro de Sussuarana; Gabriele de Araújo Lima, Conselheira Tutelar; Diego Fraga, assessor do Secretário de Trabalho do Estado; Pablo, cientista político que também está aqui representando o vereador Luís Carlos, que não pode estar aqui por conta de uma cirurgia que fez.

Registrar ainda as presenças dos Conselheiros; o Dênis, Presidente da Associação dos Taxistas; Meire Queiroz, psicóloga e pedagoga, especialista em vínculos familiares.

E concedo agora uma breve saudação ao nosso Vereador Isnard Araújo, pelo tempo de 2 minutos.

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Com a palavra o vereador Isnard Araújo.

O Sr. ISNARD ARAÚJO: Boa tarde a todos, e olhem que sou educado nos meus 2 minutos.

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Por isso que eu dei 2 minutos.

O Sr. ISNARD ARAÚJO: Eu vou ser sucinto, vou ser preciso, e não vou perder também a chance de dizer da minha visão com respeito à automutilação, à depressão, ao suicídio, até porque a depressão, você sabe que depressão é a doença dos frescos, é a doença dos inúteis. Até que a pessoa aparece com a corda no pescoço, com a língua para fora, debaixo de um trem, ou se jogou de uma altura considerável para morrer,

“Ah, não é fresco não, ele estava depressivo mesmo. Ele era depressivo... rapaz, ele tinha depressão é?” É.

Então, essas coisas que vêm acontecendo... nós que somos daquela geração e vejo aqui alguns que são da minha época, em que namorávamos através de carta. Mandava-se uma carta, 15 dias depois ela chegava na suposta ou na pretendente; um mês depois ela voltava e vinha com aquela carta que a gente ria. Hoje, você passa um zap, se em 30 segundos não for respondido, “não viu ainda, mas não é possível”! 30 segundos!

Então, o mundo está ligeiro, o mundo está apressado, nós mudamos demais. De uns 30 anos para cá nós mudamos e mudamos para pior. A criança, hoje, é educada com celular. Tire o celular dela e ela entra em depressão. Se você tirar o celular da criança ela entra em depressão. E depressão essa que nós estamos assustados.

Desculpem os doutores, aí à Mesa, mas hoje temos psicólogos com depressão; doutores com depressão; militares cometendo suicídio porque se sentem inseguros; padre cometendo suicídio porque se acha inútil; pastor cometendo suicídio. Então, gente, a coisa está assustadora. E aí, terminando a minha fala, já deu mais de um minuto?

Então, terminando a minha fala, não poderia deixar de dizer...

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Não terminaram ainda seus 2 minutos. Você vai ouvir quando terminar.

O Sr. ISNARD ARAÚJO: (...) o diabo vem para roubar, matar e destruir. Então, ele rouba a esperança, ele rouba a fé, ele rouba o sentido, ele rouba a vontade de vida. Depois de roubar ele vai destruindo. Destrói a saúde, destrói a alegria, destrói casamento, destrói vida financeira e depois ele mata. E um dos piores suicídios é a juventude entregue à maconha, à cocaína, à heroína, ao vício, às drogas e, enfim, à futilidade que estamos enfrentando. E só temos uma saída, acredite ou não, creia ou não, só existe uma saída: o Senhor Jesus.

Obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Obrigado, vereador Isnard, pela fala tão breve. Vou explicar, é que ele tem um compromisso, então, daqui a pouquinho ele vai ter que sair.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Mas vamos assistir agora a uma peça apresentada pelo Grupo de Cultura da Força Jovem Universal.

(Procede-se à apresentação artística.) (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Obrigado a FJU pela apresentação linda.

Concedo a palavra para uma saudação, pelo tempo de 3 minutos, a Bruno Moreno, representando o coordenador da juventude da prefeitura de Salvador. (Palmas)

O Sr. BRUNO MORENO: Boa tarde a todos e todas, deputado Jurailton, para mim é um prazer estar aqui representando a nossa secretária, ao mesmo tempo em que sinto um frio enorme na barriga, porque aos 15 anos, hoje tenho 23, eu iniciei a minha vida profissional nesta Casa.

Jovem, negro, periférico, só tinha como opção as drogas na minha comunidade, mas decidi que esse espaço não era para mim e que aquele lugar não era meu. Foi aí que fui em busca de uma oportunidade de trabalho e encontrei esta Casa Legislativa. Fui estagiário aqui durante 2 anos na equipe de sonorização. De lá para cá, mudei literalmente a minha trajetória de vida, a minha trajetória profissional. Eu não tinha perspectiva nenhuma, não sabia quem eu era e onde eu queria estar, mas, naquele momento, quando eu encontrei a oportunidade, decidi que seria diferente, e assim fiz diferente, porque encontrei oportunidade. E é isso o que a nossa juventude precisa, oportunidade.

Foi com essa oportunidade que eu me tornei o parlamentar juvenil do Mercosul, representante do estado da Bahia para o Brasil. Foi com essa oportunidade que eu cursei o curso de Jornalismo, hoje eu sou jornalista, com MBA em Liderança e Coach, e o próximo MBA em Gestão de Pessoas. Foi através dessa oportunidade que eu mudei a minha vida.

E hoje me sinto na obrigação e decidi que a minha carreira vai ser literalmente voltada para isso, de estender a mão para outros jovens. Sabem por quê? Porque a sociedade costuma jogar para gente jovem os problemas sociais. Em pequenas palavras, quer ver um exemplo? “Isso é besteira”. Quer ver outro exemplo? “No meu tempo isso não existia.” Mas os tempos mudaram, e eu não aceito e nunca vou aceitar que o nosso nome, que o nome dos nossos jovens esteja cravado nas lápides dos cemitérios. Eu quero os nomes dos nossos jovens nos diplomas das universidades federais. (Palmas.) Mas, para isso, eu digo a vocês, precisamos de todos juntos, precisamos de pessoas, sendo jovens ou não, que nos deem a mão sem discriminar a nossa cor de cabelo, a roupa que a gente veste.

Eu estudei a minha vida toda em escola pública e defendo ferrenhamente a escola pública, porque de lá eu vim e foi quem me fez cidadão. E por defender a escola pública e acreditar no futuro da nossa juventude é que eu digo a vocês, jovens e não jovens, vamos juntos mudar a nossa realidade.

Muito obrigado. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Obrigado, Bruno, pelas palavras. Não esqueça de levar o meu abraço à secretária Rogéria Santos.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Concedo agora a palavra ao pastor Caio Luís Dantas, da FJU, que tem um trabalho também com os adolescentes, pelo tempo de 10 minutos. (Palmas)

O Sr. CAIO LUÍS DANTAS: Tinha que ser uns 30 minutos! (Risos)

Boa tarde, deputado, boa tarde a todos da Mesa, muito obrigado pela oportunidade. Em nome do pastor Túlio, que não pode estar aqui hoje, faço-me presente para representá-lo.

Acho que falar de números aqui, vindo da minha parte, seria muito superficial, porque as pessoas mais indicadas já falaram aqui. Nós sabemos que quando falamos de jovens, falamos de alegria, força, energia, disposição, mas, infelizmente, temos visto,

nos últimos dias ou nos últimos anos, algo diferente. Temos visto que os jovens estão se entregando, mas não se entregando para o seu futuro, se empenhando para alcançar os seus objetivos, estão se entregando às facilidades da vida, e no que diz respeito a desistir, principalmente.

O trabalho da Força Jovem Universal, da FJU, para quem não conhece, é o trabalho voltado especificamente para jovens, jovens desacreditados, da periferia, de classe alta, todos os tipos. E nós queremos, com esse trabalho, e lutamos todos os dias para alcançá-los e ajudá-los, porque se a sociedade, se a família, se os amigos não têm dado o apoio necessário, nós nos esforçamos para isto – que é dar esse apoio, esse consolo, que de repente ele não tem nem na base familiar dele.

Como vocês viram aqui, temos alguns trabalhos específicos na Força Jovem, que é o trabalho do Cultura, que é o trabalho da galera (palmas) que sempre dá um show. Todos os nossos eventos, encontros, eles estão ali presentes com música, danças, peças teatrais. Temos também o trabalho voltado ao esporte, artes marciais, enfim, são vários trabalhos, inclusive o trabalho do projeto Help, que é o trabalho voltado para jovens que se automutilam, jovens que têm pensamento suicida, que já tentaram o suicídio, jovens que sofrem bullying na escola, que quase não acontece, não é? Infelizmente acontece, acontece muito. E eu trouxe aqui para vocês conhecerem hoje uma das nossas muitas histórias de jovens que se recuperaram, que foram ajudados através do trabalho do projeto Help, como também da FJU.

Queria que vocês conhecessem um pouquinho da história da Polyana, que vai contar para vocês aqui. 1Por favor, Polyana. (Palmas)

A Sr.^a Polyana Medina: Boa tarde, gente!

O Sr. CAIO LUIS DANTAS: Não, dá uma boa tarde com mais alegria. Para quem não conhece a Polyana, a gente fala que ela é um pouquinho desparafusada. Ela é bem alegre, mas nem sempre foi assim. Então, dá uma boa tarde com mais alegria!

A Sr.^a Polyana Medina: Boa tarde, gente!

Participantes da sessão: Boa tarde!

O Sr. CAIO LUIS DANTAS: Essa é a Polyana que todo mundo conhece.

Polyana, quando você chegou na FJU, qual era a sua realidade? Qual era a sua situação?

A Sr.^a Polyana Medina: A minha realidade era de tristeza. Como alguns jovens viram, eu os cumprimentei logo no começo com um sorriso. Mas, hoje, eu posso dizer que esse sorriso é verdadeiro, mas antes o meu sorriso era falso. Antes, a minha alegria era só na frente de pessoas ou de amigos, mas o meu convívio dentro de casa era como a senhora ali falou, isolada. Eu já estava num estado crítico que eu literalmente não queria ver ninguém, não sentia vontade e prazer para nada.

O Sr. CAIO LUÍS DANTAS: O que ocasionou esse em estado que você estava? Essa tristeza profunda, essa depressão que você tinha?

A Sr.^a Polyana Medina: Eu me julgava um lixo e que ninguém se importava comigo. A minha infância foi legal, mas a minha adolescência já foi conturbada, porque eu sofri o primeiro abuso aos 16 anos e, desde então, a minha vida começou a virar do

avesso. Eu comecei a imaginar que eu era culpada daquele abuso ter acontecido comigo; por eu ser muito alegre, eu imaginava que eu merecia aquilo. Na minha cabeça eu me culpava o tempo todo. Foi quando eu comecei a me isolar de pessoas, eu comecei a me cortar, porque eu achava que ia preencher o vazio que eu sentia e a dor da minha alma também. A minha alma a todo instante gritava pedindo socorro, e eu queria descontar no meu corpo, eu comecei a me cortar...

O Sr. CAIO LUIS DANTAS: Por quanto tempo você ficou nessa prática, para que todos saibam?

A Sr.^a Polyana Medina: Cinco anos. Os cortes já não eram suficientes e eu comecei a me tatuar, porque aí levava 15 agulhas para perfurar a pele. E nisso, ao todo, quando me deparei já estava com 26 tatuagens, ou seja, do pescoço para baixo, tudo, porque não estava aliviando.

O Sr. CAIO LUÍS DANTAS: E quando, para você, as dores da tatuagem, dos cortes, já não trouxeram mais efeito, você contou certa vez para a gente que foi para a tentativa de suicídio.

A Sr.^a Polyana Medina: Sim. E foram três tentativas frustradas, não deram certo, graças a Deus. Eu olhei para mim e vi que já não tinha mais solução, eu não encontrava mais uma solução para mim. Eu me julgava um caso perdido.

O Sr. CAIO LUÍS DANTAS: Quando você chegou na FJU, nessa situação, o projeto Help te acolheu? Te apoiou? Te ajudou? Conta para eles.

A Sr.^a Polyana Medina: Quando eu cheguei, foi o primeiro projeto que me abraçou. Eles começaram a me orientar, a falar coisas que outras pessoas não falavam para mim lá fora. O que eu ouvia lá fora era que era normal, que eu poderia passar a minha vida toda naquela situação, que não iria mudar.

Eles acreditaram em mim, como muitos não acreditaram lá fora, me mostraram o meu verdadeiro valor e que a minha alegria não poderia ser momentânea, mas que eu poderia ser feliz sempre. Com eles, descobri a verdadeira alegria e que eu me amo.

O Sr. CAIO LUÍS DANTAS: E hoje você está a quanto tempo com a gente na FJU?

A Sr.^a Polyana Medina: Faz 1 ano e 3 meses.

O Sr. CAIO LUÍS DANTAS: E nesse 1 ano e 3 meses mudou alguma coisa?

A Sr.^a Polyana Medina: Mudou tudo, tudo, tudo. Hoje o meu sorriso é verdadeiro, a minha alegria, a minha paz, a minha vontade de viver, porque hoje, sim, eu posso dizer, eu quero viver, e muito anos, meu Deus, muitos!

O Sr. CAIO LUÍS DANTAS: Esse é um dos nossos muitos casos que nós temos ajudado, deputado Jurailton, e em apoio a essa campanha, essa causa que o senhor propôs, tem proposto, nós estamos juntos e misturados literalmente, porque o nosso trabalho é esse, poder ajudar a essa juventude que está se perdendo. No que depender de nós, iremos ajudá-los.

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Obrigado pela sua participação, obrigado pelo seu depoimento. Leva o meu abraço, pastor Caio, ao pastor Tulio. Agradeça a ele pela contribuição.

O Sr. CAIO LUÍS DANTAS: Caso você conheça alguém que já tentou suicídio ou esteja tentando o suicídio, que seja a prática, seja normal para ele; se você conhece alguém que se automutila, o projeto Help tem uma central de atendimento no *WhatsApp*, o nosso número é (71) 99199-1221. A FJU está de braços abertos para ajudá-los.

Muito obrigado pela oportunidade. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos.): Obrigado, pastor Caio.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos.): Concedo agora a palavra ao diretor de bem-estar estudantil da Faculdade Adventista da Bahia, pastor Herbert Cleber, pelo tempo de 5 minutos.

O Sr. HERBERT CLEBER: Boa tarde para todos, quero cumprimentar o Ex.^{mo} Deputado Jurailton e agradecer pelo convite para nós, como educação adventista, participarmos desta sessão especial.

A Faculdade Adventista da Bahia é uma instituição da rede adventista de ensino. Aqui na cidade de Salvador nós temos 12 unidades, mas nós temos também um centro universitário que funciona no município de Cachoeira, próximo a Pedra do Cavalo.

Nós acreditamos, como educação adventista, que uma das maneiras de lidar com pessoas que estão enfrentando a depressão, que têm problemas com mutilação, é através da orientação. Eu tenho aqui alguns gestores escolares, alguns professores que sabem da importância da educação para se reverter quadros como estes. Por esta razão, nós acreditamos em um tipo de educação integral que envolve quatro aspectos: físico, mental, espiritual e emocional. Esses são os quatro aspectos.

Entre as nossas práticas pedagógicas e na nossa maneira de trabalhar com temas como estes, nós acreditamos que o desenvolvimento físico é importantíssimo. Por essa razão, em cada uma das nossas unidades, nós aplicamos o que chamamos de Plano Mestre de Desenvolvimento da Saúde, que ajuda o aluno a se envolver com atividades físicas. Está comprovado que o envolvimento em atividades físicas, desportivas, ajuda a minimizar os problemas relacionados à mutilação e também à depressão. Nós acreditamos.

Por essa razão, esse Plano Mestre de Desenvolvimento da Saúde é fundamental para que a unidade escolar consiga ajudar os seus alunos a se recuperar de quadros como esses. Nós acreditamos também que a parte emocional precisa ser cuidada. Na Fadba, nós temos uma clínica de psicologia, temos o curso de Psicologia, temos atendimento, nós apoiamos o Caps da nossa região.

Nós atendemos centenas de pessoas todas as semanas, e acreditamos que, além do atendimento psicoterapêutico, precisamos também de eventos de sociabilização, momentos em que os jovens estejam juntos para interagir como comunidades,

desenvolvam amizades, aprofundem seus relacionamentos. Nós valorizamos muito a ideia de grupo na nossa instituição.

Hoje nós temos 3.600 alunos na nossa instituição, da educação básica ao ensino superior. Nós fortalecemos grupos de apoio aos nossos pequenos grupos, os nossos ministérios, semelhantes aos ministérios que se apresentaram hoje à tarde, aqui, padre Caio. Parabéns pelo trabalho.

Nós, da educação adventista, da Igreja Adventista, acreditamos também nesses grupos de trabalho para que nós possamos fortalecer as amizades, não tenhamos essa ociosidade. Nós acreditamos também que o fator mental é importante, o desenvolvimento mental, a ideia de se cuidar, de ter profissionais que possam orientar bem; a área acadêmica, um tipo de aprendizado equilibrado, um tipo de protagonismo estudantil onde o próprio estudante vai desenvolvendo as suas trilhas de aprendizado. Por essa razão, na Faculdade Adventista da Bahia nós trabalhamos com metodologias ativas, para que o jovem seja protagonista no aprendizado, e não, simplesmente, um expectador na sala de aula. Ele encontra aí um sentido e ares espirituais que foram ressaltados: sem Jesus não dá!

Nós precisamos de Deus, e, como educação adventista, como escola confessional, nós ensinamos sobre Deus aos nossos alunos. Nós ajudamos nossos alunos a encontrar um forte senso de propósito, porque quando nós não temos uma missão para viver, vamos perdendo um pouco da alegria da vida. Nós precisamos ter propósitos e todos nós somos chamados por Deus para um propósito, há um propósito para cada um de nós.

Eu estava há pouco conversando com o deputado, ouvindo Bruno falar e disse: esse rapaz tem um futuro, tem que ser preparado. E o deputado falou: “Ele já está sendo preparado”. Deus tem um propósito. Deus tinha um propósito para Daniel, Deus tinha um propósito para José, Deus tinha um propósito para aquela pequena garota que foi serva de Naamã. E Deus tem um propósito para a vida de cada jovem que está aqui nesta tarde, que nos assiste pela internet. (Palmas)

Se nos colocarmos no centro da vontade de Deus com esse forte senso de propósito, nós viveremos uma vida feliz, abundante, para honra e glória do nome do Senhor Jesus Cristo.

Eu queria terminar, deputado, agradecendo e compartilhando com todos vocês, com todos os presentes, um pequeno vídeo de um minuto e meio que mostra um pouquinho da nossa instituição, como nós trabalhamos no meio da natureza para despertar os melhores hábitos e virtudes no coração da juventude.

Muito obrigado.

(Procede-se à apresentação de vídeo.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Muito obrigado, pastor Cleber, pela sua participação e pelas suas palavras. Pode me aguardar, porque eu vou estarei lá para fazer a visita. Só me fale o dia e a hora, já sei onde é o local, e eu vou estar lá com minha equipe toda.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Concedo a palavra ao especialista em Direito da Criança e do Adolescente, Dr. Marcus Magalhães, pelo tempo de 10 minutos.

O Sr. MARCUS MAGALHÃES: Boa tarde a todas e a todos, quero agradecer o convite. Pelo adiantado da hora e para prestigiar ainda algumas falas, considerando também que as pessoas que me antecederam falaram muito do que eu teria a dizer, só quero ressaltar o seguinte. Como alguém que atua na área do Direito da Criança e do Adolescente, quero agradecer de verdade a oportunidade de termos uma sessão que, em tese, só falaríamos de festividade, e há muito o que se comemorar, do ponto de vista de celebrar a juventude.

A nossa juventude brasileira é uma juventude guerreira, uma juventude que realmente tem contribuído para o aprimoramento das políticas públicas. Do ponto de vista histórico, sempre se manifestou, conquistando grandes coisas no nosso país. Mas ter a ousadia e ter a coragem de propor um tema pelo qual, em tese, a gente poderia estar tirando um pouquinho do brilho deste dia para pautar algo que causa dor nas pessoas e, ao tratar do tema, de alguma forma isso nos sensibiliza, nos toca e, aí, fica um pouco esse clima, apesar das atividades culturais darem essa animada, não é.

Então, o que eu queria trazer aqui de contribuição do ponto de vista dos aspectos jurídicos, numa perspectiva sociojurídica, é dizer que esse tema importa para uma casa, para um parlamento como este, porque essa é uma questão, como foi colocado aqui, inclusive, por quem me antecedeu, que é democrática. Essa questão do sofrimento mental em suas variadas formas, assim como o tema da violência também, ele não escolhe um lado para acontecer. E no caso do sofrimento, dessa modalidade mais aguda que atinge crianças e adolescentes, isso deve ocorrer sem abrir mão de um amplo debate em nossa sociedade porque as políticas públicas devem refletir sobre o que está acontecendo.

A gente teve recentemente, agora, em abril, minha colega que me antecedeu falou, uma política nacional. E olhe que interessante o nome, esse novo governo federal, agora, instituiu essa política e não chamou de Política Nacional de Enfrentamento, ele chamou de Política Nacional de Prevenção. Por quê? Porque não se quer criminalizar, não se quer dizer que as pessoas estão erradas por sentirem o que sentem, essas formas de sofrimento, principalmente a depressão, o suicídio, que é trágico, inclusive não tem remédio, e a automutilação como uma dessas formas, porque existe o bullying, existe a negligência, existem outras formas de sofrimento também agudas.

Então, ao propor tratar isso sob a perspectiva de prevenção e situando a responsabilidade do estado – porque a política pública estabelece como obrigação do poder público adotar as medidas, inclusive envolvendo a comunidade, inclusive envolvendo a mídia, promovendo campanhas de mobilização – está dizendo o seguinte: esse é um pacto de toda a sociedade. Por quê? Porque o deputado Jurailton abriu a sessão dizendo o seguinte: é um tema que não tem uma resposta pronta. A gente tem indícios, a gente tem caminhos, a gente tem aqui representantes especialistas, falando do ponto de vista, inclusive do aspecto fisiológico, do que isso representa, da química. Os sociólogos vão dizer é uma questão da contemporaneidade.

O deputado que também falou aqui ele falou da questão da família, dessa ausência de diálogo. Se a gente tem dinheiro a gente não tem tempo para estar com a família, se a gente não tem dinheiro a gente não tem tempo para estar com a família, se a gente trabalha não tem tempo para estar com a família, se não trabalha não tem tempo para estar com a família. Então, o que é que está acontecendo?

E toda essa sedução desse mundo virtual onde todo mundo é extremamente feliz: “Eu quero participar disso, me sinto na obrigação de participar, porque se eu não participo é pior, porque eu sou invisível, mas, ao mesmo tempo, para participar eu entendo aquilo como uma grande mentira. Então, minha vida real é um nada, se participo é ruim, se não participo é pior ainda.” Como é que eu convivo diante disso? Talvez a resposta para isso, por meio desse grande debate, signifique a gente repensar nossa condição de vida.

O deputado Jurailton falou em futilidade também. Então, a gente se colocar retomando aquela noção de responsabilidade sobre a condução, a história de vida, a educação de nossas crianças e adolescentes, sob o risco de a gente ter aquilo o que foi anunciado, isso se tornar um problema crônico, assim mais incontornável, insuperável, de saúde pública e representar a morte. A gente vai assistir atônitos a mortes em massa mesmo, um verdadeiro genocídio da juventude já assolada pela questão da violência externa, a gente chama assim, a violência externa, mas também praticada pela própria pessoa, decorrente de não se enxergar no mundo com felicidade. E para quem acha que a felicidade não é um tema que caiba dentro de um parlamento, Aristóteles, na Grécia, já dizia que a gente trata dos bens jurídicos assim: vida, liberdade, saúde, educação. Aristóteles dizia que a felicidade é o maior bem jurídico. Por quê? Tudo no Direito diz respeito a se alcançar a felicidade.

O bem-estar da comunidade, no fim das contas, é a representação da felicidade. E é o que é tirado dessas pessoas a ponto de elas entenderem que não querem mais viver ou que o corpo... é mais adequado, no momento de vida em que elas estão vivendo, sentirem dor do que prazer e felicidade.

É um estado de coisas inadmissível dentro do Estado Democrático de Direito. A saúde é protagonista nesse processo, por ser uma questão de saúde mental, não no sentido pejorativo. Todo mundo aqui tem questões de saúde mental, todo mundo tem, é natural, assim como o conflito é natural na nossa sociedade. Todo mundo aqui pode ter insônia, todo mundo aqui pode ter uma ansiedade, uma frustração, uma saudade que não consegue controlar, uma vontade de chorar, às vezes, do nada, é normal, mas quando isso passa do limite do que é controlável ou começa a prejudicar as nossas vidas a gente precisa estar atento.

Mas, como eu queria dizer, não é só saúde que tem que estar à frente disso. Então, essa política nova, do ponto de vista sociojurídico, o que ela propõe? Ela estabelece que os espaços de atendimento do ponto de vista da proteção social ou, então, da assistência social, eles se coloquem dentro, por exemplo, dos espaços de convivência, que a gente comece a trabalhar nos CRAs dentro dessas abordagens com idosos, com mulheres, mas também com crianças, adolescentes e não só droga, não só escolarização, não só sexualidade.

Vamos tratar da questão do sofrimento mental, como é que essas questões relacionadas à futilidade, esse meio todo cheio de fantasias e ilusões. O que é a vida real e como a gente pode se sentir bem diante disso?

Ele propõe a educação, está dito lá: o papel dos professores no sentido, inclusive, de terem formação para identificar sinais que possam levar essas crianças e adolescentes a estarem praticando automutilação ou sintomas de virem a praticar o suicídio. E sem debate na nossa sociedade a gente não vai ter clareza sobre quais são esses sintomas.

A nossa colega psicóloga aqui chegou a falar frases, inclusive, que as pessoas expressam, e isso é muito sério e a gente banaliza.

Tem outros espaços de convivência que a gente não pode esquecer. Teve um representante de uma faculdade falando aqui. Então, as faculdades, as igrejas, os shoppings, espaços de encontros, as associações comunitárias, toda a sociedade tem que estar envolvida dentro dessa campanha, porque ela é invisibilizada.

As pessoas acham que é um tema pequeno, que é um tema que não tem relevância, não tem nem significação social, nem sei o que é isso. Acho que é invenção de moda, como o nosso representante da juventude falou ali: “Na minha época não tinha, não sei o quê, agora a juventude não tem o que fazer e está se cortando.” Então, é preconceito, é falta de consciência, falta de debate.

Da minha parte, eu só queria, além de saudar vocês pelo dia... Me sinto um pouco jovem, mas sei que de idade eu não sou mais, mas preservo essa energia. Acho que a Mesa toda, acho que todos nós nos sentimos jovens pelo modo como a gente fala, pelo modo como a gente milita mesmo e defende aquilo que a gente acha que é certo.

Então, absorver um pouquinho dessa energia de vocês e dizer que eu estou com o senhor, deputado. Acho importante encampar, ainda que as pessoas eventualmente não compreendam e até tirem votos. Na área do direito da criança e do adolescente, às vezes a gente defende umas pautas e corre o risco até de tirar voto, mas é importante fazer o que é certo pensando na perspectiva democrática, republicana e a defesa dos direitos de forma intransigente. Isso é muito bacana, saber que tem uma perspectiva de fundamentar isso sob uma luz até espiritualista.

Eu acho que toda a justificativa que vier e que agregar valor a essa discussão, que mostra outros valores, que nos leve a refletir sobre que sociedade é esta, a que ponto nós chegamos, a ponto de abandonar aquilo que nós aprendemos realmente. Aí, é retomar também que nossos antepassados têm valor também, a gente não pode esquecer isso, nem tanto ao mar nem tanto à terra. Mas que a gente já viveu um outro momento de educação e que, realmente, isso tinha um sentido e isso ajudou a gente a ser quem a gente é hoje. Eu digo no sentido de nos fortalecer. Família é rocha, é fortaleza e é complicado quando a gente se vê sozinho no mundo.

Esse é o discurso das políticas públicas. Você vai para a saúde e diz lá: atenção e cuidado demanda o quê? Pertencimento. Proteção social na assistência social é isso. A matriz da assistência social não é da renda, não é Bolsa Família, não. Fortalecer vínculos...

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

(...) comunitários. Então, de modo geral, fortalecer as relações, nos sentir unidos.

E em educação e direitos humanos, nas formações, a gente fala de empatia e alteridade com o sentido de que empatia é se tornar próximo, acolher – algum de vocês falou isso, que é importante – e alteridade é enxergar no outro, a partir da diferença, o respeito. Talvez seja isso que esteja faltando, isso que nos leve a, no marco civilizatório, evitar que esse tipo de coisa aconteça.

Mas foi um prazer. Ouvi aqui. Aprendi muito, anotei várias coisas. Viu! Foi um prazer.

Obrigado! Tudo de bom!

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Obrigado, Dr. Marcus pela contribuição. Eu também estou, aqui, anotando várias coisas.

Concedo a palavra agora ao professor Jackson Alves Lessa, pelo tempo de 5 minutos.

O Sr. JACKSON ALVES LESSA: Eu fui antecedido por gigantes, tenho que abaixar um pouquinho aqui.

Boa tarde a todos!

Cumprimento a Mesa na figura do deputado Jurailton. Muito obrigado, pessoal.

Prometo que serei breve. Sei que quem fala tem que ter misericórdia de quem ouve. E o convite que eu recebi foi para falar sobre as redes sociais, tema que quase ninguém conhece, não é verdade? E o que eu pesquisei e o que eu fui pensando eu deixei para lá e resolvi falar de uma experiência que eu tive sobre as redes sociais.

Certa vez minha sobrinha me convidou para ir para um churrasco e ela perguntou: “Jackson, você pode ficar na churrasqueira?” Eu falei: “Eu posso ficar na churrasqueira, não tem problema, não.” Fui para esse churrasco e foram chegando os colegas, os amigos, foi uma reunião pequena, em torno de uns 17 a 20 adolescentes. E eu lá no churrasco, olhando.

Antes do celular, nós éramos obrigados a conversar. Não tinha outra opção, tinha que ir conversar. E eu vi os meninos fazendo grupinhos e aquele churrasco meio chocho, meio coisa assim, tal. E foi ficando, e eu lá, só olhando! Pensei: sou velho, antigo, mas vamos lá! E, aí, acabou o churrasco.

No outro dia eu fui acessar as redes sociais para ver as fotos. E quando eu acessei as redes sociais foi um espanto! Foi “o churrasco”, não foi aquele churrasquinho. Foi “a festa”, glamour, piscina, todo mundo sorrindo, tal! Eu olhei e falei: “Não, não foi! Não foi isso.”

E, aí, eu tive um estalo. O colega que me antecedeu falou brilhantemente disso, sobre a questão da ilusão. E esse é o problema, esse é o grande cuidado que nós temos que tomar com as redes sociais: nos vende algo que não existe. A ilusão que é posta ali, a ditadura da felicidade que é imposta ali, a ditadura da beleza, a ditadura do que você deve ser. Aquilo ali é algo que não é verdade.

E isso nos deixa – três coisas que eu anotei aqui – cegos, isso nos deixa surdos e nos deixa mudos.

Por que nos deixa cegos? Nós chegamos do trabalho, chegamos da escola, da faculdade, tomamos um banho, sentamos no sofá, pegamos alguma coisa para comer, ligamos a televisão e não assistimos à televisão, pegamos o celular e ficamos na barra de rolagem até o fim. Nós não vemos o que precisa ser visto. Nós não vemos mais as pessoas que estão ao nosso lado, isso nos deixa cegos.

Por que nos deixa surdos? Porque nós não ouvimos mais as vozes das pessoas. Todo mundo aqui já deve ter visto uma discussão do *WhatsApp*. Você não lê o que o outro fala, você só digita. Você digita, o outro digita, o outro digita e ninguém mais fala com ninguém, ninguém mais ouve o que o outro fala, simplesmente você quer falar, simplesmente você quer colocar somente a sua realidade.

E, por fim, pessoal, nós ficamos mudos, porque nós não nos comunicamos mais verdadeiramente. Vocês repararam quem aqui deu uma risada? Parece um absurdo o que eu vou falar, mas quem aqui usou a boca para sorrir? Hoje, usa uma letra repetidamente: kkkkk, kkkk. É só isso que está acontecendo hoje.

Então, é um alerta que nós devemos ficar atentos para as redes sociais, porque nós não interagimos mais com o nosso próximo; nós não tocamos no outro, não abraçamos o outro. Ela trouxe, de certa forma, uma ilusão de proximidade, mas, de fato, cada vez mais nós devemos ter cuidado. Estamos nos afastando das pessoas que nós amamos, dos nossos grupos, e isso é muito ruim.

E, aí, a gente vai e pensa: “Poxa, então eu devo deixar as redes sociais?” Claro que não. Você não deve deixar, é um avanço. As pessoas daqui a 100 anos vão nos ver como nós vemos as pessoas que estavam na época da criação da imprensa. Não há o que se negar, a internet é um avanço maravilhoso. Agora, o que nós não podemos aceitar é que essa tirania da felicidade nos faça sentir um lixo.

Quando você vê o blogueiro, quando você vê o artista colocando que ele tem lá a vida maravilhosa, é mentira!

(O Sr. Presidente faz soar as campainhas.)

Tenha todo o cuidado do mundo, não se permita ser diminuído por isso, porque isso não é uma verdade.

Então, essa é a breve reflexão que eu quero trazer hoje a todos nós.

Agradeço pelo convite, também aprendi bastante com os dados, com as informações, fiz ali os meus apontamentos.

Muito obrigado a todos e boa tarde. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Obrigado, professor Jackson Alves Lessa, pela sua participação.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Concedo a palavra agora à coordenadora estadual de Políticas para a Juventude da Secretaria de Justiça, Direitos Humanos e

Desenvolvimento Social, Fernanda Sampaio, que neste ato representa o governo do Estado.

A Sr.^a FERNANDA SAMPAIO: Boa tarde a todos e a todas!

Primeiro, eu gostaria de saudar a Mesa na pessoa do deputado Jurailton Santos, e agradecer em nome do governo do estado ao convite desta Casa Legislativa para a gente participar desta sessão em homenagem ao Dia Mundial da Juventude, que foi comemorado na segunda-feira.

Eu gostaria de começar dizendo que apesar da sessão especial, apesar de a gente estar aqui, para mim é um motivo de tristeza que a gente tenha que, numa sessão especial em comemoração ao Dia da Juventude, debater sobre automutilação, suicídio, depressão na juventude, como bem disseram as pessoas que me antecederam, isso, que hoje é uma questão de saúde pública, para nós é muito caro. Para a juventude brasileira e para a juventude baiana é muito cara. Porque o que a gente vive, hoje, na nossa realidade é a nossa juventude ou tendo a sua vida ceifada ou ceifando a sua vida por, muitas vezes, faltar oportunidade e por muitas vezes faltar uma coisa que é essencial, que é a atenção, que é o cuidado com essa população tão estratégica e prioritária.

E, desde já, também parabenizar o deputado Jurailton e o deputado José de Arimateia pela iniciativa, porque eu acho que o que a gente teve aqui hoje não foi uma pura e simples sessão especial ou um ato e um evento de comemoração. Eu acho que o que todo mundo teve aqui hoje foi uma aula sobre essa temática, que é pouco abordada, que é um tabu para muita gente.

E quando as pessoas que me antecederam falaram da anotação, eu acho que todo mundo saiu com um papel com anotação, com dado registrado. E que isso não fique só aqui, que a gente possa, de certa forma, debater sobre suicídio, debater sobre depressão, debater sobre juventude onde quer que a gente vá, porque só através do debate cotidiano é que a gente vê a efetivação das políticas públicas e que a gente torna... esses temas deixam de ser tabu e a gente começa, de fato, a enfrentar essa realidade da maneira como se deve.

Bom, falar de juventude, para mim, enquanto coordenadora estadual de Políticas para a Juventude, é falar de um negócio que é muito importante, que é o papel emancipador que a juventude tem frente à realidade, frente à sociedade. Quando a gente fala da juventude, dos índices indicadores de problemas relacionados à depressão, ao suicídio ou à própria violência é porque tira de nós a oportunidade de construir aquilo que a gente quer para a gente, para a sociedade e para o nosso futuro.

Eu acho que a gente ainda não tem, como o deputado iniciou a sua fala, reposta para muitas dessas questões, mas algumas coisas a gente vem fazendo e precisa continuar fazendo. Acho que esta Casa Legislativa também cumpre um papel de ajudar o governo do estado, que é na implantação de políticas voltadas para a juventude que trate do seu protagonismo, que trate do seu empoderamento, que trate da sua autoestima, e, aí, pensar políticas no âmbito da educação.

Hoje, o nosso governo apresenta para nós um conjunto de programas e de políticas no âmbito da educação que inclui os nossos jovens e que ajuda os nossos

jovens, de certa forma, a desenvolver esse protagonismo. A gente tem, hoje, o Programa Primeiro Emprego na estrutura...

Aí, quando Bruno, secretário municipal, desculpe-me, coordenador municipal, trata da questão das oportunidades, a gente tem alguns programas como o Parlamento Jovem Brasileiro, o Jovem Senador, que dá oportunidade para que a gente entenda, conheça e vivencie a dinâmica do Legislativo brasileiro; políticas como o Mais Futuro; o Programa Primeiro Emprego; o que vem sendo também o Programa Jovens Baianos de Qualificação Técnica Profissional, o Qualifica Bahia; o Trilha. Alguns programas na área da cultura que, de certa forma...

E, aí, quando o deputado Alden falou que, muitas vezes, algumas escolas não dão oportunidade, a gente vem fazendo um debate de fortalecer dentro da escola o debate da cultura, o debate da arte, através dos programas estruturantes. São medidas, são políticas de proteção; não são, necessariamente, políticas de enfrentamento. Acho que algumas medidas podem ajudar no enfrentamento à violência, à depressão, ao suicídio, à automutilação. Mas também são políticas de prevenção com as quais a gente consegue trabalhar, a partir desse contexto mais integrado, não só a questão política e pedagógica, mas também a questão da autoestima e desse caráter da juventude.

E aí não tem muita coisa. Como conjunto das políticas públicas e como conjunto de temas que não são muito caros, debater esse tema requer o esforço e a unidade dos diversos setores da sociedade – desta Casa Legislativa, do governo do estado, de algumas instituições do movimento social organizado, das instituições religiosas, das instituições de cultura.

Deixo como sugestão, deputado, que no nosso próximo encontro possa acontecer uma audiência pública sobre essa temática, para que a gente possa, de maneira mais aprofundada, debater essas questões e também escutar da sociedade, escutar da população e da própria juventude (palmas) quais são as temáticas e as formas que encontram para que a gente possa construir isso através da unidade.

Bom, vou caminhar para o final, pois sei que já está todo mundo cansado. Mas vou pedir licença ao deputado para discordar de uma fala dele, quando disse que a juventude é o futuro do Brasil. Tenho ido muito a algumas cidades do interior para fazer algumas ações nas escolas, e o que costumo dizer é que a gente não é o futuro do Brasil; a juventude começa a construir o Brasil agora.

Vi aqui muitos jovens com a farda da escola. Se eles estão nas escolas, se eles estão nas universidades, se eles estão pedindo políticas públicas, é porque eles começam a construir, agora, o que vai ser do Brasil. Não é depois.

A doutora falou que ela não entende muito da Bíblia. Eu conheço um pouquinho. Aí tem duas histórias da Bíblia que eu gostaria de deixar aqui. Uma é a de Daniel – o pastor Cleber falou sobre Daniel – na cova dos leões. É importante registrar que quando Deus o chamou, Daniel era um jovem sonhador que teve a capacidade de fazer a mudança naquele contexto.

A outra está no Livro de Eclesiastes, quando Salomão escreve, no Eclesiastes 12:1, o seguinte: “Lembra-te do teu Criador nos dias da tua mocidade, antes que venham os maus dias, nos quais dirás: ‘Não tenho neles prazer’”. Lógico que não é

uma leitura escatológica nem teológica, mas, trazendo isso para a nossa realidade, é pensar na nossa dinâmica enquanto jovens, é pensar na nossa vida enquanto jovens, é pensar na nossa vida enquanto jovens e pensar no que a gente quer para o futuro. E assim começar a construir isso agora. Porque quando a gente chegar à idade mais avançada, talvez a gente não tenha a oportunidade nem o vigor para fazer.

Muito do que a gente tem, muito do que a gente construiu ou que a gente consegue ter – não só em nível de política pública, mas da própria organização social – foi construído com muita luta. E a gente tem na nossa juventude brasileira, especialmente na juventude baiana, uma juventude aguerrida que foi capaz de fazer grandes mudanças sociais. E é a partir da juventude que a gente consegue isso.

Para finalizar, pensando na dinâmica de que é a juventude que constrói o Brasil agora, vou deixar para vocês um trecho de uma música de Gonzaguinha que eu gosto muito. Diz assim: “Eu vou à luta com essa juventude / Que não corre da raia a troco de nada / Eu vou no bloco dessa mocidade / Que não tá na saudade e constrói / A manhã desejada”.

Que possamos começar a construir o Brasil que queremos agora, a partir da nossa experiência, a partir da nossa vivência. E que, enquanto governo do Estado, possamos garantir as oportunidades para que isso aconteça.

Então agradeço mais uma vez, em nome do governo, em nome do governador Rui Costa e do nosso secretário de Justiça, Direitos Humanos e Desenvolvimento Social, Carlos Martins, e me coloco à disposição desta Casa Legislativa para que possamos pensar mais políticas e mais programas para a nossa juventude.

Obrigada. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Obrigado, Fernanda, pelas suas palavras. Tenho certeza de que contribuíram muito para todos os presentes.

(Não foi revisto pela oradora.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Quero passar agora a palavra ao nosso deputado Rosemberg Pinto, Líder do Governo nesta Casa. (Palmas)

O Sr. ROSEMBERG LULA PINTO: Boa tarde a todos vocês.

Quero saudar e parabenizar o querido amigo Jurailton e também José de Arimateia, que dividem esta sessão. Também saúdo toda a juventude, os servidores da Casa, a imprensa. Quero ainda saudar toda a Mesa na pessoa de Fernanda, saudando homens e mulheres.

Quero dizer, deputado Jurailton, que esta Casa faz um debate extremamente moderno, atual, quando aqui se fala de automutilação, de depressão e suicídio. V. Ex.^a traz um tema extremamente vinculado à sociedade moderna, que precisamos tratar, porque as relações virtuais acabam levando a uma nova construção de sociedade. Então precisamos debater para evitar as distorções e situações como essas. O sofrimento com a negativa da expectativa é algo que precisamos tratar em nossos jovens de uma forma muito próxima.

Eu entendo a construção da juventude como uma relação das novas e das velhas experiências. Não vamos construir uma juventude se ela não olhar também para o passado. E os limites que pretendemos apresentar, que são também as mudanças que a juventude nos coloca, são aprendizados extremamente comuns à juventude e às pessoas mais antigas.

Estou dizendo isso porque eu vivo todo dia, lá em casa, uma situação de três gerações: sou pai de uma pessoa de 40 anos, de uma nova menina de 1 ano e 8 meses e de uma jovem de 30. Então eu acompanhei essas gerações. E fui jovem em outro momento.

Então, entendo que esse é um debate, Jurailton, que precisamos trazer para esta Casa. Acho que, como Fernanda colocou aqui, precisamos fazer audiências públicas e dar continuidade. Tem que ser uma política de Estado, não pode ser uma política apenas de determinados segmentos, porque não podemos ver a nossa juventude não conseguir alcançar as suas expectativas – muitas delas criadas de forma fantasiosa – e chegar a situações como a de termos de analisar essas três situações como saúde pública.

Quero parabenizá-los por essa temática que vocês trazem hoje. Também parabenizo essa juventude. E devo dizer que esta é uma Casa plural, do debate das ideias, com respeito a todas as posições. Como acabei de dizer há pouco, só temos dois caminhos: um, no campo da espiritualidade, Deus; outro, no campo da materialidade, a política. Devemos ir ao encontro daquilo em que acreditamos do ponto de vista espiritual, mas sem abrir mão de debater a política para buscar a solução dos problemas materiais, porque é com eles que convivemos todos os dias.

Parabéns, Jurailton. Um abraço a todos vocês. (Palmas)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Obrigado, meu amigo e colega deputado Rosemberg, Líder do Governo nesta Casa.

(Não foi revisto pelo orador.)

O Sr. PRESIDENTE (Jurailton Santos): Em nome da ALBA, agradeço a presença das autoridades civis e militares, das Sr.^{as} e dos Srs. Deputados, da imprensa e de todos os demais presentes – jovens, FJU, Bárbara e o pessoal da Capelania.

Como servo do Senhor, quero deixar uma mensagem bíblica para vocês, jovens, lá do Livro I, João, Capítulo 2. Como pastor há 22 anos, sou obrigado a deixar esta mensagem para vocês. A Bíblia diz, jovens: “Sois fortes”. Sejam fortes. Não deixem ninguém colocar vocês para baixo, nem vocês se coloquem para baixo. Acredite em você. Escolha ser feliz. Escolha ser forte. Escolha olhar para a frente.

Eu costumo sempre falar, nas palestras que faço em diversas igrejas e instituições, para as pessoas não olharem para trás. Se Deus quisesse que nós olhássemos para trás, deputado Rosemberg, Ele colocaria um olho aqui atrás. Seria até interessante, porque, se o ladrão viesse, já veríamos ele vindo. Mas Ele colocou na frente.

Então, jovem, invista em você. Olhe para a frente! Acredite em você, porque não adianta nada você ser católico, ser espírita, ter religião ou não, acreditar em Deus ou

não, se você não acredita em você. Acho que o primeiro passo é você acreditar em você, acreditar que você pode, acreditar que você consegue.

Venho de uma família, Fernanda, bem simples. Minha mãe, empregada doméstica, meu pai, marinheiro, pescador, mas sempre acreditei que um dia eu ia ser diferente. Estudei em escola pública, como aqui o Bruno falou, que não tinha muita coisa para dar. Mas eu buscava fazer a diferença.

Eu me lembro de que mudei aqui para Salvador e fui estudar numa escola que não existe, ali em Nazaré, do lado da Escola de Engenharia, que ainda existe. Eu não tinha dinheiro para comprar os livros, mas eu ia para a Biblioteca Central, nos Barris, e ali eu ficava lendo, lendo, estudando, estudando. Jovem ainda, garoto.

Dentro de min, eu sempre dizia o seguinte: “Vou ser diferente, vou fazer a diferença”. Eu via meus amigos usando droga, mas eu dizia: “Não vou usar droga. Meu pai e minha mãe precisam de mim. Meus irmãos precisam de mim”. Coloquei isso dentro de mim, nunca usei drogas, nunca fui para o tráfico, porque dentro de min eu coloquei uma coisa: “Vou ser alguém na vida”.

Então, jovens, não olhem para complexos, não olhem para nada. Não deixem ninguém colocar vocês para baixo. Se não deu certo hoje, insistam, porque amanhã vai dar. O fracasso só existe quando você não tenta. Quando você não tenta, ele existe. Você já nasceu vencedor. As mulheres podem até me orientar melhor, mas no dia que seu pai fez você, saíram milhões – não é isso, deputada? (Risos) –, mas quem chegou primeiro? Você. Então, você já nasceu vencedor. Vença. Escolha vencer, escolha ser um jovem alegre, feliz. Escolha sorrir, porque sorrir faz muito bem, está certo?

Agradeço a todos vocês por estarem aqui presentes. Muito obrigado. Não só eu agradeço, tenho certeza de que o deputado Arimateia, se estivesse aqui, também iria deixar mais uma palavra para vocês. A sessão foi marcada por ele, que pediu em conjunto comigo.

Então, muito obrigado a todos e um beijo no coração de todos vocês.

Declaro encerrada a sessão. (Palmas)

Departamento de Taquigrafia / Departamento de Atos Oficiais.

Informamos que as Sessões Plenárias se encontram na internet no endereço <http://www.al.ba.gov.br/atividade-legislativa/sessoes-plenarias>. Acesse e leia-as na íntegra.